

## Variação sociolinguística do português em contexto bi/plurilíngue angolano<sup>1</sup>

 Jacinto Tchambala<sup>2</sup>

Recibo: 09.10.2024  
Aceito: 01.11.2024  
Publicado: 24.01.2025

**Resumo:** Este artigo tratou do fenómeno da variação da língua portuguesa no contexto angolano, forçado pela convivência anacrónica desta com as demais Línguas Bantu. As bases teórico-metodológicas que fundamentaram o estudo foram os postulados da linguística variacionista labovianos, apoiados na dinâmica social e linguística, objecto da sociolinguística. O objectivo deste artigo passou necessariamente por descrever os principais factores influenciadores da instabilidade normativa do português em Angola, cujas particularidades são notórias nos domínios fonético-fonológico, morfológico, semântico e até pragmático. A relevância do estudo consiste, essencialmente, em trazer subsídios linguísticos que venham chamar atenção às pessoas para se absterem do preconceito e do estigma linguístico e do combate à pluralidade linguística no país. Essa visão foi propiciada pelo contexto realístico do português observável nos seus falantes, na medida em que a língua oficial consagrada pela Constituição da República de Angola pode também ser tida como língua segunda (LS) e língua estrangeira (LE), sobretudo na maioria das comunidades rurais.

**Palavras-chave:** Variação linguística; língua portuguesa; língua materna; bilinguismo; plurilinguismo.

### *Variation in Sociolinguistics of Portuguese in Angolan Bi/Plurilingual Context*

**Abstract:** This article dealt with the phenomenon of variation in the Portuguese language in the Angolan context, forced by its anachronistic coexistence with other Bantu languages. The theoretical and methodological bases that underpinned the study were the postulates of Labovian variationist linguistics, supported by social and linguistic dynamics, the object of sociolinguistics. The objective of this article was necessarily to describe the main factors influencing the normative instability of Portuguese in Angola, whose particularities are notorious in the phonetic-phonological, morphological, semantic and even pragmatic domains. The relevance of the study consists, essentially, in providing linguistic subsidies that will draw people's attention to abstaining from prejudice and linguistic stigma and combating linguistic plurality in the country. This view was facilitated by the realistic context of Portuguese observed in its speakers, insofar as the official language enshrined in the Constitution of the Republic of Angola can also be considered a second language (LS) and a foreign language (FL), especially in most rural communities.

**Keywords:** Linguistic variation; Portuguese language; mother tongue; bilingualism; multilingualism.

### *Variación en Sociolingüística del Portugués en el Contexto Bilingüe/Plurilingüe Angoleño*

**Resumen:** Este artículo aborda el fenómeno de variación de la lengua portuguesa en el contexto angoleño, forzada por su coexistencia anacrónica con otras lenguas bantúes. Las bases teórico-metodológicas que sustentaron el estudio fueron los postulados de la lingüística variacionista laboviana, apoyados en la dinámica social y lingüística, objeto de la sociolingüística. El objetivo de este artículo fue necesariamente describir los principales factores que influyen en la inestabilidad normativa del portugués en Angola, cuyas particularidades son notorias en los dominios fonético-fonológico, morfológico, semántico e incluso pragmático. La relevancia del estudio consiste, esencialmente, en proporcionar subsidios lingüísticos que llamen la atención de la población para que se abstenga de los prejuicios y del estigma lingüístico y combatan la pluralidad lingüística en el país. Esta visión fue facilitada por el contexto realista del portugués observado en sus hablantes, en la medida en que la lengua oficial consagrada en la Constitución de la República de Angola también puede ser considerada una segunda lengua (LS) y una lengua extranjera (LE), especialmente En la mayoría de las comunidades rurales.

**Palabras-clave:** Variación lingüística; lengua portuguesa; lengua materna; bilingüismo; plurilingüismo.

<sup>1</sup> DOI: <https://dx.doi.org/10.4314/academicus.v3i1.7>

<sup>2</sup> Instituto Superior Politécnico Ndunduma (ISPN). E-mail: [jacitchambala@gmail.com](mailto:jacitchambala@gmail.com)



## Introdução

O presente artigo sobre a *Variação Sociolinguística do Português em Contexto Bi/Plurilíngue Angolano*, é uma descrição sucinta sobre os factores variacionistas e mudanças linguísticas da língua portuguesa, tendo como base a sociologia da linguagem. O fenómeno da variação linguística, isto é, da língua portuguesa falada e até escrita em Angola, decorre em diversos ambientes – socioeconómico, político, social, filosófico e dadáctico-pedagógico.

No geral, os interlocutores discursivos precisam sempre de inferir lógica para a construção de sentenças na abstracção da racionalidade da sua capacidade de discurso e configura-se como um estudo contextualizado e realístico das novas tendências sintácticas (sujeito-verbo, verbo-nome e outros) da língua portuguesa, constatadas nos enunciados orais dos falantes, quando se comunicam em português.

A descrição dos fenómenos de variação linguísticas tratadas neste trabalho pretende perceber os factores de variação da língua portuguesa que, embora demonstrem estranheza à norma culta do português, encontram uma explicação científica na sociologia da linguagem e ultrapassam as ideias simplistas, superficiais e preconceituosas de pessoas despreparadas cientificamente sobre o assunto.

Dentro do fenómeno variacionista, constataram-se também, além das distorções sintácticas, fenómeno de estrangulamento linguístico e fonético-fonológico (caotização ortofónica, caotização ortoépica) que, na visão de Undolo (2014), tem passado por profundas transformações, apresentando traços lexicais, morfológicos, sintácticos e fonético-fonológicos das Línguas Bantu, diferenciando-se, a passos largos, do português padrão.

### *Descrição variacionista do português em contexto bi/plurilíngue*

Angola, o nosso país, caracteriza-se, segundo estudos, pela existência de várias línguas e várias culturas. A língua portuguesa, língua do colonizador imperialista, embora seja a mais falada nos grandes centros urbanos do país, na administração do estado, nos órgãos de justiça, há a referir, ainda, a existência de várias Línguas Bantu faladas por uma grande maioria populacional, que excluem o português na sua prática diária com os outros.

Considerando essa pluralidade linguística, a extensão territorial do país e o contacto de línguas, torna-se impossível a homogeneidade e/ou homogeneização do português, sobretudo no modo da realização oral. As línguas, no seu todo, não são semelhantes uma a outra em todo em qualquer parte do mundo onde as mesmas são faladas. Cada língua apresenta características particulares, deste modo, as diferenças podem ir ao ponto de tornar-se aleatórias as tentativas de comunicação. Desse modo, as diferenças podem ser notabilizadas não só na língua falada como também na língua escrita.

A língua, para Hãgege (2000), apesar dos aspectos gerais que registam os seus falantes, a língua nunca é falada de maneira igual em todas as regiões.

O autor entende que as línguas se alteram, adaptam-se, empobrecem, enriquecem-se. Da vida, elas retiram os traços inesperados, os cambiantes, as armadilhas a diversidade [...] retiram o instituto obstinado de continuidade, uma vez que, ainda que morram, individualmente, elas não deixam de existir enquanto conjunto, traduzindo em acto a aptidão para a linguagem, essa propriedade determinativa pela qual uma única espécie animal se tornou diferente de todas.

Uma vez que a sintaxe se interesse pela consolidação das regras gramaticais estabelecidas pela elite culta da língua, quer do ponto de vista dos mecanismos anatómicos fisiológicos envolvidos na produção física dos sons da fala, é nossa pretensão, nesta pesquisa, estudar as causas que incidem na realização do fenómeno de variação do português.

Neste sentido, Costa (2006), entende que a existência da língua portuguesa, em Angola,

decorre num contexto histórico-cultural com substrato das línguas de origem bantu.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), todos os povos têm direito de exprimir, desenvolver a sua língua, pois ela é um produto social e cultural mutável e propenso à diversas mudanças. Daí que, cada comunidade linguística tem o direito de criar suas normas convencionais, estruturas políticas, educativas, de comunicação e de administração pública próprias.

Mediante o exposto, a marcação das fronteiras entre língua materna do indivíduo e língua segunda, segundo Costa (2006), é determinada através de dois sistemas de oposições: o primeiro que se fundamenta na "relação subjectiva" e o segundo sistema que considera "relação objectiva".

A "relação objectiva", “é determinada pela confrontação do indivíduo com as línguas da sua interacção, nomeadamente: língua materna, língua segunda, ao passo que a "relação objectiva" é determinada pela situação geográfica, social e política em que surgem as línguas em causa” (*ibidem*).

Diante da dicotomia, centra-se na relação subjectiva uma vez que a nossa pesquisa se ocupa da interacção língua materna/língua segunda num processo de sistema de contacto linguístico que propicia a variação da língua portuguesa em Angola.

### ***Variação linguística***

Neste capítulo, *Variação Linguística*, propõe-se proceder a uma descrição sucinta e topicalizada do fenómeno da variação linguística com base nos estudos labovianos, relativamente a sua famosa obra Padrões Sociolinguísticos.

Neste quadro conceptual, sobre a variação linguística de uma língua natural, no geral, que serão fundamentais na compreensão do fenómeno variacional da língua e daí abstrair as particularidades do português falado no país.

### ***Questões preliminares***

Começaremos por equacionar as generalidades do fenómeno da variação linguística, seguidamente, consideraremos as particularidades linguísticas do português falado em Angola, conforme notabilizadas na parte final do estudo (sintáctico-semânticas pragmáticas).

Esta língua neolatina recebe das línguas nativas estruturas lexicais próprias, que impulsionam visões linguísticas preconceituosas e estigmáticas da língua em variação e, conseqüentemente, dos seus falantes.

A língua portuguesa em variação e mudança, forçada por contacto de línguas e povos diferentes tem sido caracterizada como deficiente e retrógrada por indivíduos despreparados, embora, hoje, essa realidade corresponda aos falares da maioria dos angolanos. Para Miguel (2014), toda e qualquer língua viva é susceptível de mudanças, enquanto novas características vão-se implantando, outras vão-se reformando. Para ele esta dinâmica origina a transformação da língua e não se produz de idêntica maneira em todos os territórios onde ela seja actualizada.

A situação linguística de Angola, como acontece com a maioria dos países africanos, é heterogénea. O autor observa que “a par das línguas africanas, o português, língua europeia, imposta durante a colonização, com um carácter multifuncional, apresenta maior difusão, não obstante não ser dominada por muitos angolanos” (Idem), que, a nosso ver, a língua portuguesa em Angola é reflexo da nossa distinção cultural e identitária às quais nos devemos orgulhar que, no dizer de Costa Andrade (1999), os escritores angolanos “deseuropeizaram a palavra europeia nas suas obras”.

### ***Sociolinguística variacionista***

A Sociolinguística centrada no estudo da língua enquanto entidade pura, uma ciência nova,

voltada para o estudo da variação e mudança linguística objectiva a identificação, a descrição e a reflexão sobre fenómenos variacionistas, persuadindo políticos e professores a adoptarem um comportamento pedagógico e realístico perante a norma não-padrão duma língua.

A variação linguística para Santos (2017), pode ser considerada um fenómeno cultural motivada por factores intra e extralinguísticos que, ao ser estudada pelo investigador, pode identificar quais são os contextos que favorecem ou impedem o seu uso de um grupo social. A variação diacrónica cabe ao estudo da gramática e da linguística históricas; a variação no espaço é objecto de estudo da geografia linguística e da dialectologia.

Medeiros e Tomasi (2013), entendem que não se pode perder a consciência da adequação das variedades linguísticas às diversas situações comunicativas, de acordo com os diferentes contextos dos interlocutores.

### *Situação variacionista da língua*

Estudar os fenómenos linguísticos, sobretudo no que diz respeito aos estudos variacionistas, cabe aos trabalhos de seu fundador, William Labov, segundo Bagno (2012), iniciados na década de 1960, que trouxeram importante contribuição para o entendimento da língua como um fenómeno estreitamente vinculado à vida social de falantes de uma comunidade.

Actualmente, os estudos labovianos têm sido contestados porque se parte do princípio de que uma verdadeira sociologia da linguagem, deveria interessar-se fundamentalmente no estudo da sociedade, tendo como base as relações interpessoais estabelecidas entre si por meio da linguagem, visto que a língua é utilizada como arma de violência de uns cidadãos contra os outros.

### *Variação Diacronotópica*

Na história das palavras do léxico de uma língua intervêm dois princípios fundamentais para a análise: o primeiro, de inspiração histórica, língua portuguesa, designado por linguistas como diacronia espalhada por diversos territórios pelo seu colonizador, imposta aos falantes autóctones das ex-colónias, actualmente designadas como CPLP/PALOP adquiriu distintas marcas ao longo dos tempos e o segundo, conhecido por linguistas como sincronia, isto é, o estudo da língua num determinado momento. Para Mateus *et. al* (2003), a singularidade da língua portuguesa começou a desenhar-se no domínio do léxico o processo de normatização, ou padronização, retira a língua de sua realidade social, complexa e dinâmica, para transformá-la num objecto externo aos falantes, numa entidade com “vida própria”, (supostamente) independente dos seres humanos que a falam», escrevem, leem e interagem por meio dela.

Segundo Silva (2005), a criação de um padrão de língua muito distante da realidade dos usos actuais fez surgir, em todas as sociedades ocidentais, uma milenar “tradição da queixa”. Em todos os territórios e em todos os períodos históricos, sempre aparecem as manifestações daqueles que lamentam a “ruína” da língua, a “corrupção” do idioma.

Em contraposição à noção de erro e à “tradição da queixa” dela derivada, a ciência linguística oferece os conceitos de variação e mudança. Enquanto a Gramática Tradicional tenta definir a “língua” como uma entidade abstrata e homogênea, a Linguística concebe-a como uma realidade intrinsecamente heterogênea, variável, mutante, em estreito vínculo com a realidade social e com os usos que dela fazem os seus falantes.

Uma sociedade extremamente dinâmica e multifacetada como Angola só pode apresentar uma língua igualmente dinâmica e multifacetada. Ao contrário da Gramática Tradicional, que afirma existir apenas uma forma certa de dizer as coisas, a Linguística demonstra que todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, seguem regras e têm uma lógica linguística perfeitamente demonstrável (Bagno, 2003).

Neste sentido, falar em erro na língua, dentro do ambiente pedagógico, é negar o valor das

teorias científicas e da busca de explicações racionais para os fenómenos que nos cercam. Essa mudança já está presente até mesmo na língua escrita mais monitorada.

A ciência mostra-nos que qualquer análise que desconsidere um desses pontos de vista o científico e o do senso-comum – será, fatalmente, incompleta e não permitirá uma reflexão que permita analisar a realidade linguístico-social nem a elaboração de políticas que auxiliem na constituição de um ensino verdadeiramente democrático e formador de cidadãos Bagno (2003).

A escola não pode desconsiderar um facto incontornável: os comportamentos sociais não são ditados pelo conhecimento científico, mas por outra ordem de desprezar totalmente substituindo-os pelas mudanças.

Querer fazer ciência a todo custo sem levar em conta a dinâmica social, com suas demandas e seus conflitos, é uma luta fadada ao fracasso. A Sociolinguística ensina-nos que onde tem variação (linguística) sempre tem avaliação (social).

A nossa sociedade é profundamente hierarquizada e, conseqüentemente, todos os valores culturais e simbólicos que nela circulam também estão dispostos em categorias hierárquicas que vão do “bom” ao “ruim”, do “certo” ao “errado”, do “feio” ao “bonito” etc.

E entre esses valores culturais e simbólicos está a língua, certamente o mais importante deles. Por mais que os linguistas rejeitem a norma-padrão tradicional, por não corresponder às realidades de uso da língua, eles não podem desprezar o facto de que, como bem simbólico, existe uma demanda social por essa “língua certa”, identificada como um instrumento que permite acesso ao círculo dos poderosos, dos que gozam de prestígio na sociedade.

De acordo Bagno (2007), uma das tarefas do ensino de língua na escola seria, sobretudo, discutir criticamente os valores sociais atribuídos a cada variante linguística, chamando a atenção para a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa.

Metodologicamente, por exemplo, propõe que “ao encontrar formas não padrão na produção oral e escrita de nossos alunos, oferecer a eles a opção de “traduzir” seus enunciados para a forma que goza de prestígio, para que eles se conscientizem da existência dessas regras” (*Ibidem*).

A consciência gera responsabilidade. E é ao usuário da língua, ao falante/escrevente bom conhecedor das opções oferecidas pelo idioma, que caberá fazer a escolha dele, eleger as opções dele, mesmo que elas sejam menos aceitáveis por parte dos membros de outras camadas sociais.

### ***Língua e comunidade linguística***

A língua é um organismo vivo e dinâmico pertente a uma comunidade linguística. É o meio através do qual o homem categoriza o mundo, que na reflexão de Adriano (2015), o mesmo pode ser categorizado linguisticamente de formas diferentes: por grupos socioculturais diferentes e geograficamente distanciados.

A língua exerce o seu objecto social na comunicação interpessoal dos membros de uma comunidade linguística, reflectindo as vivências, os hábitos, os costumes e as tradições dessa comunidade.

Conforme vimos, pode-se depreender que o modo de comunicação oral apresenta, numa perspetivação mais clarificadora, problemas da correcta expressão fonémica (ortoépia/ortofonia/prosódia). O português falado pela maioria dos angolanos comporta características próprias nos planos morfossintáctico, sintáctico-semântico, embora a pronunciabilidade (fonemicidade>os fonemas, foneticidade>sonoridade) sejam mais notabilizadas devido à flexibilidade dos segmentos lexicalizados na língua.

Essas particularidades dão azo a consideração de uma língua deficiente para os indivíduos rurais, embora hoje essa realidade seja também extensiva a indivíduos bem instruídos e ultrapassa qualquer pedagogia linguística.

Depreende-se, no entanto, que a situação linguística do português em Angola, como acontece com a maioria dos países africanos, é heterogénea. O autor observa que a par das línguas africanas bantu, o português imposto durante o período de colonização, com um carácter multifuncional, apresenta maior difusão, não obstante não ser dominada por muitos angolanos.

A variedade rural-urbana é rica em frases-feitas, enfáticas porque utiliza expressões como a gíria, o regionalismo, anacolutos. Medeiros e Tomasi (2013), afirmam que a língua constitui uma variedade não monitorada de pouco prestígio se compara com a norma-padrão; é espontânea e descontraída. Seu objectivo é a comunicação clara e eficaz. Sua expressão é subjectiva e afectiva. É funcional, sobretudo, porque se vale de outros meios de expressão que não as palavras, como, exemplo, a entoação, na linguagem oral. Tal variante linguística distancia-se da norma gramatical.

Mediante o exposto, o português de Angola, representa, pois, uma das formas da linguagem rural-urbana, uma vez que é caracterizado por estruturas morfossintáticas, fonéticas e semânticas das Línguas Bantu.

### *O Contacto de Línguas*

Os primeiros contactos da língua portuguesa com as línguas nativas de Angola deram-se no período em que os primeiros navegantes portugueses entenderam invadir o país. Assim, em toda a comunidade de fala decorrente de contactos linguísticos foram frequentes as formas linguísticas em variação.

A história da variedade do português em Angola tem implicações directas no contacto linguístico desta com as demais Línguas Bantu com as quais partilha o mesmo espaço. Neste sentido, Bagno (2012) defende que a variedade linguística é um processo sociocultural que tem origem na interacção entre a dinâmica social da comunidade de fala e o processamento da língua no cérebro por parte dos indivíduos em interacção social. O autor apresenta, por sua vez, três forças inerentes mais importantes na mudança linguística: (1) a economia linguística; (2) a gramaticalização; (3) a analogia.

Analogicamente, essas situações têm a ver com as diferentes formas de concordância. Enquanto os falantes letrados tendem a fazer a concordância de forma mais monitoradas, os menos instruídos tendem a suprimir os morfemas redundantes, conforme veremos nos capítulos subsequentes.

Ferraz (2007), entende que quando uma população falante de uma língua **A** se vê constrangida a falar uma língua **B** diferente, na fase adulta, o contacto dessas duas línguas provoca mudanças principalmente na língua **B**.

A norma-padrão é, inicialmente, também uma língua materna, adoptada por um grupo de pessoas prestigiadas, transformada para língua paterna e posteriormente estratificada para padrão (do latim *patronu*-). No entender de Bagno (2012), na sua *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, da raiz *pater*- semanticamente ‘pai’, procedem os termos **patrão** e **patrono**.

Actualmente, levantam-se discussões acerca da padronização linguística, sobretudo nos países Plurilíngue como Angola. Na sua visão, Bagno (2012), atesta que a língua padrão é a língua da Lei, sempre associada à figura do pai. É essencialmente escrita, ortografada e normalizada, conferindo-lhe estatutariamente formas de prestígio. Os artifícios fundamentais que levam à eleição da língua paterna como elemento da padronização, é sem dúvida alguma, a presença da escrita, tomada sempre na sua vertente canónica, literária.

O termo *norma culta*, identificado sempre com a linguagem escrita mais formal, mais

monitorada, de preferência com pretensões literária, tem a ver com uma linguagem certa, oficial, normalizada, a língua do rei, pai da nação, símbolo do Estado.

Sobre as inconsistências do uso do português padrão num país multilíngue e multicultural, como Angola, devemos, inequivocamente, concluir que se trata de uma deficiente formulação científica que tende a apresentar as linguagens determinadas pelas supostas interferências das Línguas Bantu no português, em oposição aos falantes da variante do português, língua segunda.

De acordo com Sousa (2020) *apud* Câmara Junior (1978), o sistema flexional nominal de número do português é definido por um mecanismo simples baseado no contraste entre a forma singular, sem uma marca de distinção; e uma forma plural, que tem sua marca representada pelo morfema /-s/.

### ***Concepção sobre outros aspectos variacionistas do português em Angola***

Após análises sobre os fenómenos de variação e mudança linguísticas, constatou-se outros fenómenos em quase todos os planos do uso do português que passamos a apresentar alguns exemplos:

1. Diferenças fonéticas (no modo de produzir e pronunciar os sons da língua): alguns angolanos dizem, por exemplo, eu [\*seio] nadar, quando se refere ao verbo saber, a norma culta do português estabelece eu [sâ]i;
2. Diferenças sintáticas (no modo de organização de frases, de orações e de partes que as compõem): alguns angolanos dizem: estou mbora a te fala; a norma culta consagra: “estou a falar consigo”;
3. Diferenças lexicais (palavras que existem no léxico angolano e não existem na norma culta, e vice-versa): o angolano chama de “lengenu” aquele indivíduo que foge por uma situação qualquer, que a norma culta chama de esgueirar;
4. Diferenças semânticas (no significado das palavras): “cuecas” em Portugal são os “fios dental”, “biquíni”, “sungá”, “tanga” das angolanas.

### **Conclusão**

Das análises feitas, foram identificadas no plano sintático, como áreas mais afectadas, as inconformidades linguísticas de concordância, nomeadamente (verbo-nome, determinante-nome), além das relações de género e número em relação às estruturas de concordância previstos pela norma culta.

Assim, afirmar que o português que se fala neste país é português europeu são apenas incompreensões da falácia, dos enganos de quem impende um olhar simplista e superficial sobre o fenómeno da variação da língua portuguesa no contexto angolano.

Os processos linguísticos mais notáveis no português de Angola são: a afixação, a conversão, a composição, a amálgama ou cruzamento, a truncação, embora, em todos os processos morfológicos, a derivação encerre a maior parte desses processos de formação.

As inadequações sintáticas também decorrem do processo da coabitação do português com as Línguas Bantu. Isto significa que as lexemas das Línguas Bantu estarão cada vez mais presentes no léxico português em uso no país.

Vale ressaltar que a Língua Portuguesa não só recebeu um número considerável de estruturas morfológicas das Línguas Bantu como também transferiu, para essas línguas, algumas estruturas, por meio de contacto interlínguas.

### Referências bibliográficas

- Adriano, P. S. (2015). *A Crise Normativa do Português em Angola-clitização e Regência verbal: que atitude normativa para o professor e o revisor.* (1ª Edição). Mayamba Editora.
- Andrade, F. C. (1999). *Poeta Angolano em Luta.* União dos escritores angolanos.
- Bango, M. (2007). *Preconceito Linguístico: o que é como se Faz.* (49ª Edição). Editora: Layota
- Bagno, M. (2012). *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro.* Parábola Editorial.
- Bagno, M. (2003) *A Língua de Eulália: Novela Sociolinguística.* Editora Contexto.
- Augusto, M. A. (2016). *Morfologia Contrastiva entre o Português e Kimbundu: Obstáculos e suas Causas na Escrita e Ensino da Língua Portuguesa entre os Kimbundu de Angola.* (Tese de doutoramento em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- Bechara, E. (1975). *Moderna gramática portuguesa - cursos de 1º e 2º graus.* Companhia Editora Nacional.
- Cortesão, A. A. (1907). *Nova Gramática Portuguesa. Acomodada Aos Programas Oficiais Para Uso Das Escous Normais e dos Institutos de Ensino Literário.* (7ª Edição). França Amado Editor.
- Da Costa, A. F. (2006). *Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu: Para uma Análise Diferencial.*
- David, R. (2014). *Colonizadose Colonizadores.* (1ª edição). Grecima.
- Declaração Universal dos Direitos Linguísticos.* (1996).
- Ferraz, M. J. (2007). *Ensino da Língua Materna.* Editorial Nzila.
- Galisson, R. & Coste, D. (1983). *Dicionário de Didáctica das Línguas.* Livraria Almedina.
- Hegège, C. (2000). *Não à Morte das Línguas.* Instituto Piaget. Editions Odile Jacob.
- Labov, W. (2008). *Padrões sociolinguísticos.* Parábola Editorial.
- Marques, M. E. R. (1995). *Sociolinguística.* Universidade Aberta.
- Mateus, H. M. Et al, (2003). *Gramática da Língua Portuguesa.* (7ª Edição). Editorial Caminho.
- Medeiros, J. B. & Tomasi, C. (2015). *Português Forense.* Atlas.
- Miguel, A. (2013). *Sobre a Referência Indeterminada de Sujeito e Agente da Passiva em Português europeu.* 1ª Edição, Mayamba Editora.
- Miguel, M. H. (2014). *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda.* (1ª edição). Mayamba Editora.
- Mingas, A. A. (2000). *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda.* Campo das Letras – Editores.
- Rio-Torto, G.; Rodrigues, A. S; Pereira, I; Pereira, R; Ribeiro, S. (2013). *Gramática Derivacional de Português.* Imprensa Online.
- Santos, A. M. (2017). *Sociolinguística e a Teoria da Variação e Mudança Linguística.* Revista *SOCIODIALET*, Vol. 7, No. 20, pp. 36-53, ISSN: 2178-1486. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/7786>
- Sousa, C. M. P. (2020), *Estudo comparativo da concordância nominal variável entre o PB*



*contemporâneo e o Português dos séculos XVIII e XVII*. Dissertação de Mestrado Apresentada à Banca Examinadora da Universidade de Ciências Sociais e Humanas do Ouro Preto.

Undolo, M. (2016). *A Norma do Português em Angola: Subsídios para o seu Estudo*. ESP-Bengo.